

A maré está se virando contra o apartheid israelense

Via [Jacobin](#)

“Você apoia os protestos, os protestos violentos, que irromperam em solidariedade com você e outras famílias em sua posição agora mesmo?”

“Você apoia a despossessão violenta contra mim e a minha família?”

Na semana passada, a CNN entrevistou Mohammed El-Kurd de Sheikh Jarrah, Jerusalém – quase certamente a primeira vez que um palestino que resiste à despossessão teve a oportunidade de falar na rede. Com essa breve oportunidade, o jovem palestino desafiou rapidamente décadas de retratos maliciosos da luta palestina na grande mídia.

A entrevista foi emblemática de uma mudança mais ampla nas percepções sobre a realidade do apartheid israelense. Mohammed faz parte de uma nova geração de palestinos cuja indignação está rompendo com as pessoas em todo o mundo – e alimentando a resistência em toda a Palestina.

Um povo, uma luta

Na terça-feira, os palestinos lançaram uma histórica greve geral nacional apelidada de Intifada da Unidade. Milhões de pessoas participaram da paralisação de empresas e se reuniram em grandes manifestações em numerosas cidades da Palestina. Outros 1,6 milhões de trabalhadores palestinos em Israel entraram em paralisação, incluindo trabalhadores em trânsito, professores e enfermeiras, apesar da ameaça de encerramento, cortando décadas de fragmentação política e geográfica.

“As cenas em toda a Palestina são de tirar o fôlego”, disse o

escritor palestino Salem Barahmeh. “Ramallah cantando para Gaza, Haifa cantando para Ramallah, a bandeira palestina hasteada em Jerusalém”. É um dia incrível liderado pelo povo para sua libertação da subjugação de um regime tirânico”. Viva a Palestina”.

Os protestos históricos estão sendo organizados por jovens palestinos que rejeitam qualquer associação com a liderança tradicional palestina. Quando um membro da Autoridade Palestina tentou visitar Sheikh Jarrah, o comitê de vizinhança divulgou uma declaração repudiando aqueles que cooperaram com as forças de segurança israelenses. Como o jornalista palestino Amjad Iraqi observou recentemente, “Uma característica extraordinária das manifestações é que elas estão sendo organizadas principalmente não por partidos ou figuras políticas, mas por jovens ativistas palestinos, comitês de bairro e coletivos de base”.

E não são apenas os palestinos na Palestina ocupada que resistem. Há dias os jordanianos protestam contra a embaixada israelense, apesar das violentas ações da polícia. Na última sexta-feira, centenas se reuniram na infame ponte Allenby que liga a Jordânia e a Cisjordânia, entoando “abram a fronteira”. Vários conseguiram atravessar.

Também no Líbano, as pessoas se reuniram na fronteira, entoando e agitando bandeiras, preparando-se para atravessar e marchar até Jerusalém. Os palestinos em Haifa tweetaram instruções sobre quais estradas usar ao entrar no país. (Um manifestante foi baleado e morto pelas tropas israelenses).

Além dos atos de solidariedade, estes protestos de fronteira são declarações do desejo dos palestinos de retornar à sua terra. Milhões de cidadãos jordanianos e libaneses são de fato palestinos, deslocados em 1948 e 1967.

E os protestos na fronteira são históricos. Muitos comentaram que a última vez que os palestinos foram tão unificados foi em

1947, à frente da violenta fundação de Israel.

A maré está virando

As coisas também estão mudando fora da Palestina.

Os protestos de solidariedade irromperam em grande parte do Oriente Médio, do Levante ao Golfo até o Norte da África, sinalizando o potencial para uma revolta muito mais ampla na região.

Em Londres, cem mil marcharam durante o fim de semana. Em Paris, os manifestantes repudiaram a proibição governamental de manifestações e demonstraram sua solidariedade palestina aos milhares. Levando cartazes caseiros com os slogans “Nós Não Conseguimos Respirar”, “Salve Sheikh Jarrah” e “Gaza Livre”, milhares protestaram em dezenas de cidades dos Estados Unidos no último fim de semana. Em Washington, DC, dez mil pessoas em um mar de bandeiras palestinas marcharam para exigir o fim do financiamento dos EUA para os crimes de guerra de Israel. Vinte mil marcharam no centro de Chicago.

As vozes palestinas na CNN e no Washington Post e um número sem precedentes de declarações de celebridades estão deixando claro que a luta pela justiça na Palestina não é mais uma questão marginal. Mark Ruffalo uniu-se à defensora de longa data Susan Sarandon para pedir sanções a Israel. Viola Davis deu uma explicação sobre a limpeza étnica no Sheikh Jarrah. John Oliver entregou um segmento condenatório sobre os crimes de guerra de Israel.

Igualmente significativa foi a intervenção na semana passada de membros pró-Palestina do Congresso, incluindo membros do “Esquadrão”, que foram muito além de declarações ocas sobre o “ciclo de violência” e dor sentida por “ambos os lados” e se pronunciaram explicitamente contra a impunidade que o governo dos EUA concede a Israel.

A palestina-americana Rashida Tlaib, no que foi

verdadeiramente um ato histórico, apelou aos colegas do Congresso para reconhecerem a Nakba e reconhecerem as campanhas de limpeza étnica de 1947-1948. Ayanna Pressley e Cori Bush conectaram poderosamente a luta palestina à questão das vidas negras, com Bush declarando, em termos inequívocos, “nós somos anti-apartheid”.

E Alexandria Ocasio-Cortez estabeleceu laços entre a investida de Israel em Gaza e o imperialismo norte-americano em Porto Rico:

Minha família vem da ilha de Porto Rico, e eu cresci visitando minha família na ilha de Vieques, onde os Estados Unidos bombardearam seus próprios territórios. . . . E eu ia dormir quando era pequena ao som de bombas americanas detonando. “Prática” era como era chamado na época. “Prática”. E quando vi aqueles ataques aéreos que são apoiados com fundos americanos, não pude deixar de me perguntar se nossas comunidades estavam praticando para isso. Este é o nosso negócio porque estamos desempenhando um papel nele.

Este é o nosso negócio

Mais de quarenta mil palestinos em Gaza perderam suas casas nos últimos sete dias da agressão de Israel. Mais de duzentos palestinos foram mortos, incluindo cinquenta e nove crianças. Israel bombardeou um prédio da mídia, uma usina elétrica, escolas que abrigam refugiados, a maior biblioteca e editora de Gaza, e estradas para hospitais. Durante um intervalo de vinte minutos de bombardeio na última quinta-feira, um palestino em Gaza tweetou: “Eu vivi três guerras neste país. Os últimos 20 minutos foram piores que todas elas”. Não há nada defensável sobre o chamado direito de autodefesa de Israel.

Os Estados Unidos têm defendido repetidamente os crimes de guerra de Israel enquanto bombas fabricadas pelos EUA chovem

sobre os palestinos a partir de aviões de guerra fabricados pelos EUA. Ainda este mês, Joe Biden aprovou uma venda de armas a Israel no valor de 735 milhões de dólares. Um movimento para impor sanções a Israel poderia minar tudo isso.

O mundo finalmente está vendo a verdade sobre Israel, e a maré está virando em nosso favor. Com um impulso de sanções nos Estados Unidos e de movimentos no terreno na Palestina, o apartheid israelense poderia finalmente começar a desmoronar. E de fato, é exatamente isso que os palestinos estão nos pedindo para fazer. Os grevistas pediram sanções contra Israel e um boicote aos produtos israelenses, dizendo simplesmente: “Não apoie aqueles que ocupam”.

Os apelos morais não derrubaram o colonialismo colonizador israelense. Somente um movimento que impeça os EUA e outros governos a suspender seu apoio à máquina de guerra de Israel pode responsabilizar Israel – e reforçar a luta pela libertação palestina.